

CADERNO TÉCNICO & CIENTÍFICO

**Nº 76
SET/OUT
2010**

**VOLUME
65**

A FALTA DE FORMAÇÃO CAUSA CONFLITOS NA SALA DE AULA?

Páginas 7 e 8

CADEIRANTES: QUAL INCLUSÃO SOCIAL?

Páginas 2 a 6

AUDIODESCRIÇÃO: RECURSO DE ACESSIBILIDADE PARA A INCLUSÃO CULTURAL DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

Páginas 11 e 12

TERAPIA ASSISTIDA COM GOLFINHOS NO CENTRO DE TERAPIA E PESQUISA COM GOLFINHOS DE CURAÇÃO

Estamos aqui pra fazer a diferença....

...É para isto que a equipe do Centro de Terapia e Pesquisa com Golfinhos de Curação empenha-se todo dia !!!



Na Ilha de Curação, localizada no Arquipélago das Antilhas Neerlandesas, há apenas algumas horas de avião do Brasil, está certamente um dos melhores centros de reabilitação do mundo.

Pacientes de todo o mundo viajam para se tratar no Centro de Terapia e Pesquisa com Golfinhos de Curação (CDTC). Mais de 400 crianças com transtornos mentais e físicos, síndromes raras, traumas e vítimas de acidentes, chegam e prestigiam, todos os anos, um tratamento focado em resultados.

O conceito de terapia assistida com golfinhos no CDTC é fundado cientificamente e parece ser a abordagem terapêutica correta para muitos pacientes.

Com a ajuda desses golfinhos especiais e muito sociáveis do CDTC, é frequentemente mais fácil criar um laço de maior confiança e interatividade com as crianças. O contato com Matteo, Gee Gee, Lina, Papito e Chabelita, os motiva a aprender e a confiar em suas próprias habilidades. Os resultados são esplêndidos. Os pais ficam muito entusiasmados com o programa, no qual a interatividade com os golfinhos é uma parte importante e essencial.

No Centro de Terapia e Pesquisa com Golfinhos de Curação, um time de terapeutas profissionais, vestindo bermudas e camisetas, tratam as crianças de acordo com os princípios da terapia comportamental e condi-

cionamento operante, que envolve o ato de recompensar o comportamento positivo. As crianças participam em um programa de duas semanas, com duas horas de terapia todos os dias.

Qual a chance do sucesso deste programa ?

Um ambiente natural para os golfinhos, a liberdade de interagir individualmente com seus amiguinhos e um time comprometido e experiente em reabilitação, empenhados em fazer um trabalho árduo parecer diversão. Dessa forma, os resultados são notáveis após duas semanas de intensa reabilitação. O que é sempre impressionante é quanto os pacientes menores, assim como os maiores, gostam de nadar com os golfinhos nas águas do Caribe, após um trabalho intenso com os fonoaudiólogos, fisioterapeutas, terapeutas ocupacionais ou psicólogos.

As crianças percebem que todos os exercícios anteriores em que eles participaram durante as sessões de fonoaudiologia, ou quando treinaram suas capacidades de coordenação em sessões de fisioterapia, de repente passam a ter um significado porque eles melhoraram suas capacidades para brincar e interagir alegremente com os golfinhos. A diversão e relaxamento que é estar com esses golfinhos, proporcionam para eles, motivação das crianças a confiarem em suas próprias forças.

Tom é um menino feliz de 8 anos, que vem diretamente da Holanda para participar pela segunda vez do programa do CDTC.

Devido a problemas antes do parto, o hemisfério esquerdo do cérebro de Tom não se desenvolveu completamente, resultando em problemas

ACESSE NOSSO SITE:

www.revistareacao.com



foi estabelecido em 2004 e tem uma forte colaboração com o Dolphin Aid, que é uma organização que determina orientações e padrões para uma terapia de qualidade e administração cuidadosa dos animais na Terapia Assistida com Golfinhos ao redor do mundo. Por trabalhar com o Dolphin Aid, e atingir seus padrões de excelência, o CDTC se tornou em um dos líderes em instalações de terapia assistida com golfinhos no mundo”.

Kurschner é comprometido e dedicado ao conceito da Terapia Assistida com Golfinhos no CDTC, e fala com entusiasmo sobre sua paixão por essa forma única de reabilitação: “No CDTC, nós focamos nas capacidades das crianças ao invés de suas incapacidades. Nós criamos um ambiente positivo e de aceitação incondicional para a criança, onde o desenvolvimento pessoal é encorajado. Na verdade, o que fazemos com cada criança é ensiná-la a ser parte da nossa sociedade. Para conquistar isso, NÓS precisamos construir uma ponte para o mundo da criança, e não o contrário. Para ajudarmos as crianças em seu desenvolvimento, precisamos entender como elas pensam e observam as coisas ao seu re-

físicos e cognitivos, assim como Autismo. Seu médico havia previsto que se Tom não fosse capaz de falar e andar até os 5 anos de idade, pouco progresso daí em diante poderia ser esperado.

Seus pais ouviram falar sobre a terapia com golfinhos e decidiram tentar. Aos 6 anos de idade, Tom não conseguia falar ou andar. Após uma série de terapia com os golfinhos, Tom começou a andar e a falar. O pai de Tom relata: “Este ano, em que Tom está participando pela segunda vez deste programa, ele chegou até a começar uma conversa com outro garoto na piscina do nosso hotel. Este foi um momento incrível e muito especial. A Terapia Assistida com Golfinhos é o tratamento perfeito para o nosso Tom”.

positivamente quando as crianças estavam perto dos golfinhos. Na década de 80, mais estudos científicos foram realizados e mostraram que crianças com necessidades especiais aprendiam até quatro vezes mais rapidamente, enquanto eram tratadas com o auxílio de golfinhos. Famílias que frequentaram a terapia assistida com golfinhos na CDTC, contam que as crianças apresentam resultados de longo prazo, mesmo após o término da terapia. O CDTC

Marco Kuerschner, terapeuta-chefe No CDTC, explica as origens da Terapia Assistida com Golfinhos: “Nos anos 70, o primeiro estudo foi conduzido por

um psicólogo americano da Florida. Foi o primeiro estudo a reconhecer que a capacidade de atenção e concentração das crianças com Autismo e Síndrome de Down aumentavam



LEIA E ASSINE:

0800-772-6612 (ligação gratuita)



dor. Eu chamo isso de ‘uma reunião de mentes’ ou ‘interconectando’. Com esse ‘encontro’, crianças e terapeutas vão pelo mesmo caminho, que leva a vontade e motivação para trabalhar. São necessários três passos para criar essa ponte. Primeiro, você trabalha com a auto motivação da criança, para praticar e treinar com o terapeuta. Segundo, você determina a capacidade da criança de se focar no terapeuta e na atividade dada a ela. Isto é crucial. Nesta fase, nós construímos a auto confiança da criança e confiança em si mesmo para completar a lição. Por último, você encontra alguém por quem a criança esteja disposta a trabalhar. Alguém que aceite a criança incondicionalmente: o golfinho. Em todos os passos, o golfinho lidera, enquanto os terapeutas são os facilitadores. Pelo fato de que nós como terapeutas trabalhamos tão proximamente dos golfinhos, somos uma espécie de adaptador entre a criança e o golfinho, o caminho para a criança chegar até os seus novos amigos, os golfinhos”.

Em seu trabalho anterior, Marco trabalhou dirigindo a enfermaria para pacientes em coma em um hospital. “No hospital, eu jamais ganhei

a confiança de uma criança de uma forma que me permitia trabalhar com eles com sucesso, tão rapidamente como eu consigo aqui com a ajuda dos golfinhos. Você quase consegue ver as crianças pensando: “se ele quer que eu fale, então por que não tentar?...Se ele me mostra o que fazer, eu posso então falar com meu golfinho”.

No conceito interdisciplinar e voltado à família do CDTC, o paciente com necessidades especiais não é o único assunto da terapia; os irmãos, pessoas que tomam conta deles e pais também são. A Terapia Assistida com Golfinhos no CDTC é uma terapia de família. Através de aconselhamentos e workshops, o CDTC também oferece programas de terapia centrados nos pais.

E para irmãos e irmãs, o CDTC oferece um programa educacional e de entretenimento com todos os tipos de atividades aquáticas. Estes programas, em conjunto com os benefícios de estar numa atmosfera tropical e tranquila, representam definitivamente benefícios psicológicos para as relações familiares e para as crianças com necessidades especiais.

A Terapia Assistida com Golfi-

nhos do CDTC, frequentemente tem efeitos positivos em crianças com Autismo, como o Paul, de 12 anos de idade.

“Quando Paul tinha 4 anos de idade, se tornou cada vez mais difícil fazer contato com ele. Ele nos olhava com um olhar como se estivesse atravessando a gente; ele não falava; ele não conseguia usar o vaso sanitário”, diz a mãe de Paul. Com um diagnóstico de deficiência mental e desarranjo, relacionado ao autismo, médicos e terapeutas deram a família pouca esperança. A família, porém, não aceitou essa notícia e começou a procurar por outras opções. A mãe de Paul diz: “Foi assim que descobrimos a terapia assistida com golfinhos. Apesar de múltiplas reações incrédulas, em novembro de 2005 nós fomos até o CDTC”.

Os objetivos de Paul eram que ele conseguisse fazer contato com os outros, que se tornasse mais calmo, dormisse melhor e desenvolvesse melhores habilidades em comunicação. A partir desses objetivos, o seu terapeuta, Gerwin Bijker, um especialista em terapia comportamental, criou um programa muito bem estruturado. Gerwin explica: “Com a ajuda de cartões de comportamento, Paul aprendeu a escolher, por exemplo, entre uma bola e uma argola. Ele queria que o golfinho Mateo trouxesse uma bola ou uma argola? O momento em que você percebe que ele entende a consequência de sua escolha, é um avanço e tanto. E assim que isso ocorre, você pode criar imagens mais abstratas, finalmente conectando elas a palavras e sons. Foi assim que Paul ‘aprendeu a falar’ durante seu primeiro período de terapia”.

Sua mãe diz: “Quando ele voltou de Curaçao pra casa, todos estavam encantados pelo desenvolvimento e progresso de Paul”. Até seu pediatra, que era muito cético com relação à terapia do CDTC nos disse: “Não há uma interpretação médica para

ACESSE NOSSO SITE:

www.revistareacao.com

isso, mas o que aconteceu com o Paul durante essas duas semanas de Terapia Assistida com Golfinhos, eu jamais teria conseguido”.

E a terapia teve efeitos duradouros. Em casa, Paul continuou melhorando suas habilidades sociais, olhando para pessoas, dormindo melhor e também estava muito mais calmo. Isto acabou melhorando a qualidade de vida da família também. Paul e sua família visitaram Curaçao novamente e sua mãe diz: “Seu vocabulário é muito melhor; ele até consegue criar sentenças de duas palavras! Paul fica muito feliz quando estamos perto do Mateo ou do Gerwin”.

De acordo com Gerwin, o sucesso da Terapia Assistida com Golfinhos para crianças com Autismo depende de uma série de fatores. “Crianças com Autismo se comunicam; acontece que nós nem sempre os entendemos, e isso acabamos frustrando-os. Com os golfinhos, eles não tem essa sensação. O golfinho busca por contato de olhos com eles, mas o golfinho também não consegue falar. Isto dá a eles um sentimento de reconhecimento e segurança. Aliado à estrutura da terapia, a atenção especial que eles recebem durante as duas semanas do nosso programa intensivo, a atmosfera tranquila mais o fato de que sua família estar por perto, fazem com que essas crianças se sintam seguras. Essa segurança afasta as barreiras e torna as crianças mais abertas a aprender coisas novas. Nós vemos crianças dando grandes passos em seu desenvolvimento”.

A mãe de Paul concorda: “Aqui nós ficamos relaxados e temos muito tempo para Paul e para nós mesmos. Nunca o vi tão focado quanto quando ele está com o golfinho; é muito especial. Para essa experiência, nós colocamos tudo de lado, e continuamos voltando aqui muito felizes”!

Uma família da Alemanha, que visita o CDTC regularmente, concorda, incluindo a filha Sabrina, de 14 anos de idade. Sabrina nasceu com falta de oxigênio durante o parto. Sua mãe explica: “Eu nunca vi a Sabrina tão

relaxada e se divertindo tanto quanto quando ela estava na água com o golfinho. Ela tem uma vontade muito forte. Se ela não quiser trabalhar, ela simplesmente não o fará. Aqui no CDTC, Heike Ervenich, uma patologista de linguagem e fala é capaz de ajudar Sabrina a realmente fazer uma diferença. Sabrina aprendeu a dizer ‘sim’ ou ‘não’, e agora consegue dizer algumas outras palavras que são importantes para a rotina da família. Sabrina consegue sua motivação no tempo que ela fica na água com o golfinho Mateo”.

Heike diz: “Sabrina precisa de muita estrutura e consequências em sua terapia. Ela consegue dizer ‘sim’ ou ‘não’, então eu deixo pra ela indicar o que ela quer.

Marco Kuerschner comenta que: “é nossa tarefa e dever mudar algo radicalmente para o melhor. No nosso programa de duas semanas, nós temos que fazer uma diferença para nossas crianças! A partir do momento em que acreditamos que tudo é possível, nos temos sucesso em tudo. Nada é mais gratificante do que ouvir os pais dizendo que eles vão pra casa com uma criança completamente feliz e motivada, que tomou mais um passo importante em direção a um desenvolvimento feliz” !!!

O QUE É A TERAPIA

ASSISTIDA COM GOLFINHOS?

A Terapia Assistida com Golfinhos do Centro de Terapia com Golfinhos de Curaçao, foi criada para pessoas a partir de 3 anos de idade, incapacitadas física e/ou mentalmente. A reabilitação também é conduzida de acordo com os princípios da terapia de comportamento. A alegre interatividade com o golfinho é uma recompensa poderosa para a criança. A motivação aumentada para trabalhar ainda mais arduamente durante a terapia, oferece uma forma de fazer a diferença na vida de cada paciente.

A Terapia Assistida com Golfinhos do Centro de Terapia com Golfinhos de Curaçao não é um remédio milagroso, que cura deficiências. É um método eficiente e bem sucedido para criar um ambiente otimizado para o aprendizado, pelo qual, o funcionamento de crianças com limitações pode ser melhorado.

Para mais informações, visite o site do CDTC no endereço: www.curacaodolphintherapy.com



LEIA E ASSINE:

0800-772-6612 (ligação gratuita)

OS CAMINHOS QUE A SÍNDROME PÓS-POLIOMIELITE TEM NOS LEVADO!

*por Eliana Corrêa de Aquino

Seria talvez, mais uma simples doença descoberta e codificada a que a população mundial estaria exposta, se não fossem todas as peculiaridades que a Síndrome Pós-Poliomielite (SPP) trás em seu bojo.

Quis o destino que, por intermédio da capacidade de alguns profissionais brasileiros da área da saúde, especificamente neurologia e fisioterapia, fossem os responsáveis pela Codificação Internacional da Doença, CID 10-G14, para essa nova doença. Ao observarem queixas repetidas de pacientes junto ao Setor de Investigações de doença Neuromusculares da Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP/EPM se dispuseram a buscar respostas que pudessem acalantar a esses pacientes já marcados pela deficiência que se viam diante de novos sintomas sem que houvesse uma causa conhecida.

Digo quis o destino porque a referida doença não é um privilégio apenas dos brasileiros. Para se ter idéia dados apontam que nos EUA uma das doenças neuromusculares de maior índice naquele país é a Síndrome Pós-Poliomielite. No entanto, coube a equipe da Neuromuscular/UNIFESP juntamente com o Centro de Prevenção e Controle de Doenças da COVISA/SMS-SP, em especial aos pesquisadores Acary Souza Bulle de Oliveira, Abrahão Augusto Juvinião Quadros e Mônica Tilli Reis Pessoa Conde, o grande trunfo de encaminharem agravo à Organização Mundial de Saúde. Com isso obteve-se o CID e um enorme estandarte de desafios, resgates, exercícios e desenvolvimento moral, científico, institucional em níveis jamais vistos antes fora descerrado.

Assim começava-se a desenhar a diferença da SPP para com as outras enfermidades que, visivelmente, não estavam no levantamento da anamnese dos pacientes, tão pouco no número de médicos aptos a proferirem o diagnóstico, nem mesmo no levantamento do número de pessoas acometidas com a Síndrome. Óbvio que, para a gestão da nova doença, esses dados são e serão sempre bem relevantes, entretanto a Síndrome Pós-Poliomielite, ao ser codificada pela comunidade científica, trouxe agregada a ela uma condição: a necessidade premente de imiscuir-se em doença anterior advinda de epidemia, sendo exigido fazer levantamento histórico e pesquisa minuciosa a cerca da vida dos pacientes. Ao somatório de tudo isso se chegava a um novo diagnóstico, a uma nova doença.

A essa condição restou agregada uma forte responsabilidade social. Por consequência, a reflexão do que havia sido feito em termos de desenvolvimento científico, estrutural e conjuntural em torno da moléstia que precedeu a

Síndrome, qual seja, a Poliomielite, doença letal, altamente contagiosa, que impõe sequelas cruéis aos sobreviventes, acreditando-se que quaisquer consequências aos afetados, além das pré-existentes, estavam vinculadas a essa mesma moléstia. Ledo engano!

Às características anteriormente citadas adiciona-se um conjunto de questões como a falta de investimento em pesquisa e, principalmente, à ausência de atualização nos currículos das universidades que ministram o curso de graduação em medicina que sequer constam matérias sobre o estudo da moléstia, também conhecida como “paralisia infantil”, na formação dos futuros médicos, concorrendo para o atual quadro de despreparo de toda a classe médica que, atônita, assiste às mais recentes descobertas científicas que apontam para a nova

doença, a Síndrome Pós-Poliomielite.

A possível acomodação por parte dos profissionais de saúde talvez possa ser explicada pelo fato de existir uma vacina que protege as pessoas contra a paralisia infantil, muito embora ainda não tenha sido encontrada sua cura efetiva ou o meio de combatê-la de forma definitiva, contribui para que os pacientes não fossem cuidados com esmero e respeito.

A nova doença que afeta os neurônios motores, denominada de Síndrome Pós-Poliomielite, propôs um novo olhar sobre os pacientes que já trazem uma doença pré-existente e, conseqüentemente, uma diferente abordagem científica do ponto de vista das pesquisas e do tratamento. Eis que, fundamentado em um olhar multidisciplinar, a neurologia, ortopedia, fisioterapia, fonoaudiologia, psicologia, nutrição, educação física e terapia ocupacional são instadas a proferirem um olhar conjunto e sistêmico em torno do paciente e da doença.

Aos pacientes uma nova postura também vem sendo solicitada em torno da Síndrome: a não mais estarmos na posição de pacientes passivos para, agora, figurarmos como pacientes altamente ativos, em especial por termos que subsidiar aos médicos e profissionais de saúde com todos os tipos de documentos possíveis, tais como: fotografias pessoais, exames de sangue e de imagens, polissonografias, enfim, tudo que possa demonstrar a existência da nova doença que, inobstante o requisito básico de ter tido contato prévio com o vírus da Poliomielite como doença pré-existente, possuem dados específicos para o seu diagnóstico.

Neste ponto é lícito salientar que pessoas sem seqüelas da Poliomieli-

ACESSE NOSSO SITE:

www.revistareacao.com

te não venham a desenvolver a SPP. Pesquisas apontam para a conclusão de que o simples contato com o vírus da Pólio permite que a nova doença se instale e permaneça silente durante anos no corpo do indivíduo até o momento em que ocorrem novos sintomas os quais o levarão, de fato e concretamente, à paralisia irreversível e incapacitante, desenvolvendo, assim a Síndrome Pós-Poliomielite.

Vale salientar que a Poliomielite é tão antiga quanto à própria história da humanidade. Já se vão longos cinquenta anos da descoberta da vacina e a paralisia infantil ainda permanece sem cura.

Entretanto, surpreendentemente a validação de um sentimento de “gratidão” pela sua existência pode ser aceitável. É só analisarmos sob a ótica dos avanços que a medicina obteve em função de todos os esforços empreendidos em termos tecnológicos na busca de proporcionar a sobrevida aos pacientes infectados pelo poliovírus selvagem, ocorridos no período pós Segunda Guerra Mundial, tais como os leitos de UTIs, o grande avanço dos aparelhos respiratórios que advieram da evolução dos antigos pulmões de aço, bem como a própria contribuição pessoal dos pacientes afetados, submetendo-se a tratamentos dolorosos sem que, até agora, proporcionassem a cura da enfermidade propriamente dita, somente contribuindo para elevar a qualidade de vida dos sequelados pela Poliomielite.

Mesmo com tudo isso os pacientes ainda são levados a recorrerem à Justiça para validarem suas novas dores e dificuldades físicas, psicológicas e trabalhistas, em decorrência dos novos sintomas relacionados com a SPP.

Assim, após anos enfrentando de “peito aberto” a discriminação, preconceito e exclusão social, surgem perguntas inevitáveis diante desta realidade: é justo e legítimo que recaia única e exclusivamente sobre os pacientes o dever de mobilizar o Estado para suas novas necessidades? Ou que

sejam obrigados a engrossar as longas filas dos Hospitais e consultórios sem serem diagnosticados corretamente por profissionais?

Tais profissionais de saúde, durante sua formação acadêmica, sequer conheceram os principais aspectos em torno da doença anterior (Poliomielite) por ter sido considerada eradicada, inobstante haver hoje em dia a ocorrência da recidiva vacinal ou mesmo a existência do poliovírus selvagens em países como Nigéria (África) e na Índia (Ásia), com suas ramificações pelos países adjacentes.

Estamos falando de problemas relacionados com uma doença que teve sua origem e propagação promovida por um vírus originário principalmente pela falta de saneamento básico que, além de ser letal ou deixar sequelas, promove agora uma nova doença que atinge diretamente ao cérebro. Portanto, qual a razão de um paciente com a Síndrome ser obrigado a participar de longas filas dos postos da Previdência Social como se estivesse a implorar por algo que não fosse real? Por que a necessidade de implorar pela validação de seus afastamentos laborais como se estivesse simulando algo que não existe?

É inaceitável o fato do paciente com a Síndrome Pós-Poliomielite ser conduzido aos Juizados Especiais para ver garantido seus direitos Constitucionais básicos, in verbis: “... art.1º A República Federativa do Brasil... tem como fundamentos: inciso II- a cidadania; III- a dignidade da pessoa humana;... art.6º-... São direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social...; art.227º, inciso II- É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar... II- criação de programas de prevenção e atendimento especializado para os portadores de deficiência física, sensorial ou mental, bem como de integração social do portador de deficiência, mediante o treinamento para o trabalho e a convivência, e a facilitação do acesso

aos bens públicos e serviços coletivos, com eliminação de preconceitos e obstáculos arquitetônicos”... .

Faz-se imperiosa a reflexão: é preciso que se promova já uma revolução solidária pelo Estado e junto a todos os entes que o representam, Sociedade, Família, a fim de que possam ter ações efetivas e soluções em parceria de forma sistêmica, nos moldes do tratamento proposto, pois ações isoladas, pontuais, não serão suficientes para resgatar a dignidade humana de milhares de pessoas afetadas. E o que isso significa? Que a omissão pode custar a futuras gerações o prosperar da civilização na medida em que ouzamos não valorizar a prevenção e a necessidade de estudos continuados e, acima de tudo, ignorar os efeitos que a educação promove em torno da proteção da própria vida.

Onde estão o Estado, o Ministério Público, a Comunidade Científica e os empresários e os profissionais de saúde?

Sim, estes mesmos, estudantes e indivíduos já formados, para se apropriarem dos fatos efetivos que estão ocorrendo aqui, agora, e partirem para ações efetivas em prol da história, da própria vida, e poderem exercer a tão esperada transformação. Para que? Para proporcionarem justiça e qualidade de vida àqueles que deram sua cota pessoal de sacrifício, de dor e de privação para a mesma Sociedade, carregando todos os desafios impostos pelas sequelas e agora também sofrendo de nova paralisia, irreversível e incapacitante!



* Eliana Corrêa de Aquino é advogada e analista judiciária aposentada do Egrégio TJDF, sequelada da Poliomielite e diagnosticada com a Síndrome Pós-Poliomielite.

LEIA E ASSINE:

0800-772-6612 (ligação gratuita)

NATURAL STEP: O MELHOR CALÇADO PARA O DIABÉTICO MOTIVANDO A REINCLUSÃO SOCIAL



Uma das principais preocupações mundiais atualmente é a Diabetes. Só no Brasil existem aproximadamente 22 milhões de diabéticos, enquanto no mundo eles somam cerca de 285 milhões. A Organização Mundial de Saúde (OMS) estima que em duas décadas esse número passará de 285 milhões para 438 milhões no mundo e já reconheceu a doença como epidêmica.

Desconhecimento. Essa é uma das palavras que permeiam o cotidiano de muitos diabéticos.

Grande parte dos portadores desconhece os cuidados necessários com os pés e suas consequências quando utilizado um calçado inadequado. Tornando-se muito comum não só o desconforto, mas pontos de pressão que passam despercebidos, aumentando a possibilidade de traumas repetitivos que podem conduzir a úlceras, infecções e amputações.

Nem sempre damos importância aos pés como se deveria. Atribuímos todo nosso peso corporal a ele e muitas vezes somos responsáveis por diversos problemas como dores, bolhas, feridas e calos que acabam afetando o ritmo do nosso dia-a-dia. No caso dos diabéticos, isso se torna cada vez mais crítico quando não se é tomada uma medida preventiva de cuidados com os pés, utilizando um calçado adequado. Cerca de 50% das amputações são causadas pelo uso constante de calçados inapropriados. Índice que poderia ser evitado. Por isso a importância da utilização correta de calçados próprios para acomodar e amenizar essas complicações tão frequentes no pé diabético.

Saber escolher um calçado exige vários critérios a ser considerados, não só pelo conforto, mas também por todas as suas características específicas. A Natural Step durante esses quarenta anos nos Estados Unidos vem contribuindo para uma melhor qualidade de vida para essas pessoas. Especialista em pés especiais que exigem um cuidado extra, não só nos pés diabéticos neuropáticos que são nosso maior desafio, mas também em casos de deformidades ortopédicas, supinação, pronação, inchaços, esporão de calcâneo, hálux valgo (joanetes), dedos em garra, artrites, artroses, neuropatias, neuromas, amputação parcial, entre outros.

O calçado é confeccionado com matéria-prima de excelente qualidade e tecnologia de ponta, anatômico, com numeração de ponto e meio ponto, formas com altura extra e em 5 larguras diferentes (magro, médio, largo, extra largo e extra extra largo), tornando sua aplicabilidade ampla aos moldes profissionais. Alguns exemplos: palmilha sob molde de gesso com fenestrações para úlceras, próteses tipo palmilha para amputações dos artelhos, calosidades e cravos, órteses em geral como talas e tutores, e pés portadores do mal de Hansen.

Outro detalhe interessante é sua construção, que faz do calçado ser referência para diabéticos. Constituído com couro macio de alta qualidade, forração, também em couro e neoprene, curtido com óleo mineral para evitar irritações na pele, palmilha macia removível em PU com adaptabilidade à anatomia plantar, para pés neuropáticos de criança ou adulto com forração em couro macio e permeável, dublado em espuma PU com baixa den-

sidade para reduzir ao máximo as paredes de atrito ou de compressão. Solado em PU macio antiderrapante do tipo "rocker" para distribuição uniforme das cargas do corpo, proporcionando maior segurança à marcha e melhor absorção de impacto, contraforte reforçado, cabedal com ventilação, colar e pala almofadada.

São diversos modelos divididos entre feminino e masculino, destinados à prevenção da saúde dos pés, tanto para uso preventivo quanto terapêutico. Todos aprovados e recomendados pelos principais órgãos de saúde do Brasil e Estados Unidos. No Brasil através do selo de qualidade da SDB (Sociedade Brasileira de Diabetes) e SBR (Sociedade Brasileira de Reumatologia). E nos Estados Unidos com destaque na certificação pelo Sadmerc, FDA (Food and Drugs Administration), PFA (Pedorthic Footwear Association) e BCP (Board of Certification in Pedorthics).

Nossa maior missão é poder resgatar a dignidade do paciente diabético, pois muito da sua integridade física vem sendo colocada em risco. Uma grande variável para o uso de calçados para diabéticos é a própria cultura de uso do mesmo. Acabar com o preconceito que existe ainda nesses calçados, para que possamos ter números cada vez menores de amputações.

Felizmente, em nosso país a população, aos poucos, está enxergando e adotando a prevenção como melhor atitude, deixando de lado medidas curativas que muitas vezes não trazem resultados, ou melhor, podem até deixar seqüelas.

Temos orgulho em contribuir de forma tão prazerosa ao portador de diabetes na sua integração à sociedade. E poder proporcionar uma vida perfeitamente normal, saudável e ativa.



ACESSE NOSSO SITE:

www.revistareacao.com

INFORMAÇÕES TÉCNICAS AOS AMPUTADOS

*por Prof. José André Carvalho



Os amputados e seus familiares geralmente não apresentam conhecimentos sobre as próteses e todo o processo que deveria acontecer durante o período de reabilitação, principalmente quando se trata de um caso novo na família. Antes mesmo de se iniciar uma protetização, é importante orientar ao portador de amputação quais cuidados devem ser tomados com a ferida cirúrgica, qual o melhor posicionamento que o membro amputado deve permanecer, qual a técnica correta do enfaixamento elástico compressivo e seu tempo de uso, como estimular a contração da musculatura remanescente do coto de amputação, como utilizar os auxiliares de marcha e também como decidir pelo tipo de prótese a ser utilizada. A escolha de uma prótese não deve ser realizada como a escolha de um automóvel, ou seja, optar pelo mais bonito ou pelo mais barato. Vale a pena lembrá-los que a prótese deve atender aos objetivos individuais de cada amputado, portanto, uma avaliação deve ser realizada tanto para análise clínica do paciente quanto para se determinar quais são os objetivos pessoais com a protetização, quais tipos de atividades pretendem ser realizadas, se há utilização de escadas e rampas com frequência, se a necessidade de uso em ambientes úmidos, se realiza praticas desportivas, entre muitas outras perguntas pertinentes a este assunto.

Em um mundo tão globalizado e com inúmeras opções de componentes para se confeccionar uma prótese, cabe ao especialista determinar o que é mais indicado para cada individuo e ao paciente questioná-lo sobre tal escolha. Por que deve ser utilizado determinado tipo de soquete, joelho ou pé mecânico? Os objetivos funcionais serão alcançados, possibilitando segurança e normalidade aos movimentos com a prótese? Haverá um acompanhamento inicial

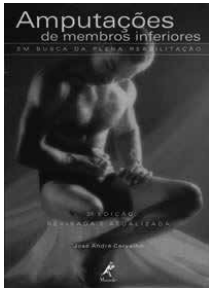
com reabilitadores?

Infelizmente em um mundo capitalista, a necessidade de muitos profissionais em se vender uma prótese extrapola a ética profissional e amputa novamente toda a esperança de uma plena reabilitação de um paciente já fragilizado. Uma boa prótese deverá ser composta por componentes específicos para cada tipo de paciente e não por aqueles componentes estocados nas prateleiras das ortopedias; o conhecimento técnico para ajustes e regulagens dos pés e joelhos deve ser feito com propriedade, pois interfere diretamente na estabilidade e controle da prótese durante sua utilização. Agora pergunto aos senhores: Os profissionais do mercado estão preparados para toda esta nova tecnologia que surge com frequência nesta área? Já não é mais surpresa, recebermos pacientes protetizados com boas próteses, porem com componentes mal regulados para o peso e para as atividades exercidas. Também tornou-se rotineiro avaliarmos soquetes (componente que envolve o coto de amputação) mal adaptados, trazendo dor,



LEIA E ASSINE:

0800-772-6612 (ligação gratuita)



desconforto, instabilidade e dificuldade para uso contínuo de uma prótese. Com absoluta certeza, continuaremos encontrando muitos pacientes descontentes com suas próteses e com a qualidade da marcha.

Considerando as importantes informações descritas acima, sugiro aos amputados e seus familiares que NÃO escolham suas próteses por preço. Analisem a proposta de trabalho, a procedência dos materiais, a qualificação dos profissionais e conheça o local onde será iniciado sua reabilitação; Informem-se previamente sobre a qualificação dos profissionais, pois além da confecção da prótese será necessário um acompanhamento de fisioterapeutas para treinamento de marcha e ajustes dinâmicos; Visitem as empresas indicadas, conheça à oficina ortopédica e o local destinado a reabilitação, o qual deve no mínimo ter barras paralelas longas, rampas, escadas e espaço amplo para treinos de equilíbrio, propriocepção e treinamento de marcha; NÃO confundam lojas ortopédicas com centros especializados em reabilitação de amputados; NÃO acreditem que dores, desconfortos e calosidades são necessários para maturação do coto de amputação dentro do soquete protético.

Realmente espero cada vez mais encontrar amputados reabilitados e não reconhecê-los como usuários de próteses.



* Prof. José André Carvalho é Fisioterapeuta e Ortoprotésista
Diretor do IPO – Instituto de Prótese e Órtese
(www.ipobrasil.com.br)
Autor dos livros: Amputações de membros inferiores: Em busca da plena reabilitação
E-mail: ipo@ipobrasil.com.br

COMO A “INTELIGÊNCIA ESPIRITUAL” INFLUÊNCIA NOS PROCESSOS DE APRENDIZAGEM DO SER HUMANO

*por Ana Cristina Ferreira Côrtes



Certo dia, estava no consultório onde comecei a pesquisar sobre o que a “Inteligência Espiritual”, tem a ver com o processo de aprendizagem no desenvolvimento do Ser Humano, para minha surpresa tive várias revelações!!!! Nesta pesquisa pude perceber que DEUS independente da crença e/ou religião nasce conosco, ou seja, quando acreditamos na fé....significa que estamos dando oportunidade para a renovação da nossa mente, desbloqueando-a para o experimentar o

prazer de viver! Nossa alma sendo parte da mente humana procura muitas vezes nos manipular sendo a atriz coadjuvante em busca de satisfazer suas vontades e desejos de nós humanos. Parece estranho falar assim, porém se formos procurar no livro mais sagrado de todos os tempos iremos perceber que é a única fonte verdadeira da nossa existência e do que somos hoje.

Portanto a “Inteligência Espiritual” é o tema elencado para mostrar o que nos humanos podemos fazer com o que nos foi dado de graça.....a “Sabedoria divina”, quando procuramos agir com perseverança sabemos que os resultados serão muitos.... isso significa que podemos colher tanto o “bem” como o “mal”.....depende de nós plantarmos corretamente este princípio em nossos corações, pois só assim poderemos chegar mais perto do que é o mistério da vida que todos procuramos descobrir (o que é certo? E o que é errado? o que posso fazer e não fazer?).

Há espiritualidade pode ser compreendida como eixo e a estratégia mais perfeita para mostrar o que existe neste processo de aprendizado de nós seres humanos e quanto nos influencia em nosso dia-a-dia. Assim sendo o desenvolvimento desta prática exercitada sabiamente surge na cooperação de transformamos dificuldades em oportunidades no decorrer da nossa existência, como superar algo que acontece muitas vezes em nossas vidas e termos a noção do inexplicável, pois a grande maioria das vezes procuramos obter a resposta imediata de algo que subjetivamente ficamos perguntando a todo momento, “por que isso acontece comigo”, lembramos que o ser humano foi criado para se movimentar, relacionar e buscar a espiritualidade como fonte verdadeira com DEUS. Creio caro leitor que todas as superações que conquistamos a cada dia têm poder divino dentro de nós e lembramos que o exercício do aprendizado através da espiritualidade requer muito mais do que Inteligência e sim a Comunhão verdadeira com nosso ser.

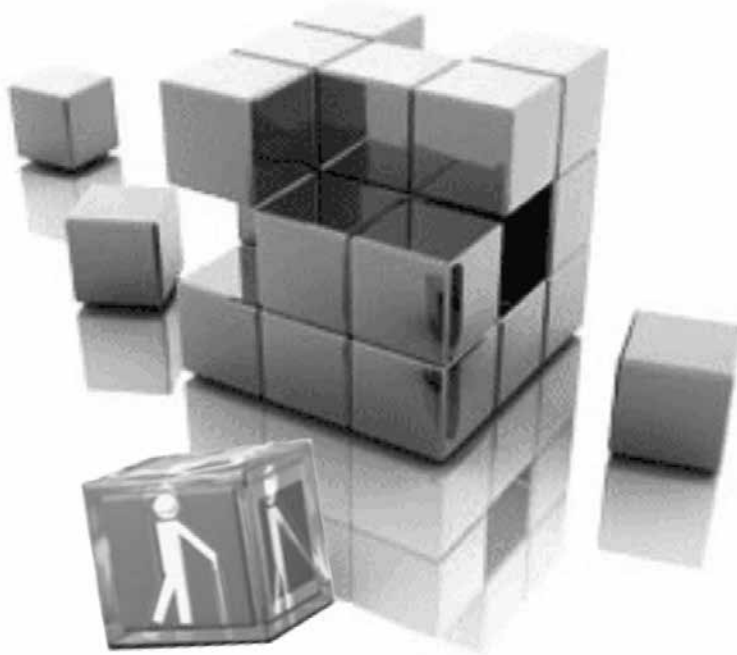
E-mail: acpsicopedagoga@gmail.com

ACESSE NOSSO SITE:

www.revistareacao.com

COMO ESTABELECEER A CULTURA DA APRENDIZAGEM NAS EMPRESAS

*por Márcio Côrtes



A palavra “cultura” tem várias interpretações e entendimentos... mas o que muitos especialistas no assunto afirmam e descrevem, é que a cultura é uma identidade própria manifestada de várias maneiras. Entretanto, o que realmente a cultura faz é expressar um conhecimento individual e/ou coletivo, seja de pessoas, de uma empresa, de uma cidade ou País, formando a difusão cultural.

Porém, o tema que estamos querendo mostrar a vocês leitores é a realidade de muitas empresas da atualidade, onde estão preocupadas em ter ascensão rápida, ou seja, ganhar espaço de mercado e ter visibilidade. Contudo, este processo requer muito mais do que isso: significa estabelecer padrões de princípios e valores que formam a identidade corporativa das empresas (como posso fazer isso, de que forma poderei chegar àquele lugar, ou ainda por onde começo e que pensar desta forma), perguntas estas que são comentadas informalmente no dia-a-dia das organizações que querem expressar suas decisões e como resultado, obter êxito em todos os públicos alvos.

O processo de estabelecer a cultura de aprendizagem revela muito mais do que simplesmente impor uma determinada decisão e/ou opinião, e sim dar oportunidade a ouvir as pessoas que fazem parte da empresa. Só assim poderá ser estabelecida esta cultura de aprendizagem, pois é a troca de aprender com a oportunidade, e aprender dando a oportunidade que

começa-se o processo de educação corporativa, estabelecendo a cultura ideal para aprendizagem contínua.

As empresas que mostram este lado sábio de suas decisões, ganham espaço rápido na sociedade em geral, pois começam a mostrar sua verdadeira identidade, estabelecendo conceitos de empresas que estão fazendo a lição de casa, a inclusão social como eixo estratégico e diferencial de mercado.

Portanto, a Cultura de Aprendizagem nas Empresas é uma ação conjunta, onde todas as áreas e departamentos deverão unir-se para chegar a um consenso, estabelecendo o desenvolvimento individual e coletivo no aperfeiçoamento constante, usando a metodologia da gestão compartilhada, formando assim o modelo ideal para se constituir a cultura de aprendizagem. Sendo o instrumento formador de conceitos e transformador de paradigmas, entre a empresa e os públicos (interno e externo).

Assim sendo, lembramos que a prática de treinar, ouvir, se relacionar, incluir, mostrar o que está sendo feito pelas empresas, tendo papel importante na construção do conceito e identidade social, como empresa que se preocupa com a cultura da aprendizagem em seu contexto social.



* Márcio Côrtes é profissional de Marketing, especialista em Marketing e Gestão de Negócios, CEO da Map Group Participações Inteligentes, sócio-coordenador da BGR Soluções Integradas em Inclusão, em Caxias do Sul/RS.
E-mail: marcio@mapgroup.com.br

LEIA E ASSINE:

0800-772-6612 (ligação gratuita)

**Florianópolis te espera para
mais um grande evento**



**CONGRESSO SUL-SUDESTE
de ORTOPEDIA e FISIOTERAPIA**

**I JORNADA CIENTÍFICA de
ENFERMAGEM em ORTOPEDIA**

De 18 a 20 de Agosto de 2010

www.ortopedia2010.com.br

Mais Informações: **Attitude Promoções e Eventos**
R. Cap. Pedro Leite, 320 - Barreiros - São José SC - Fone (48) 3035-4388
Inscrições: Ana Beatriz - **Reserva Stand:** Juliana Oliveira

Apoio



Local do Evento



Promoção e Realização

